

# METÁFORA: identidade a serviço da recuperação da informação?\*

Evelyn Goyannes Dill Orrico\*\*<sup>2</sup>  
Anna Clara Sampaio Ribeiro\*\*\*<sup>3</sup>  
Eloy Brito\*\*\*\*<sup>4</sup>  
Iara Vidal Pereira de Souza\*\*\*\*\*<sup>5</sup>

## RESUMO:

*As metáforas fazem parte do processo cognitivo de representação do homem. Grupos sociais elegem conjuntos metafóricos que acabam por constituir o universo simbólico do grupo. Tal universo estabelece a identidade do grupo e facilita a troca de informações entre seus membros, sobretudo os daqueles que produzem conhecimento tecno-científico.*

**PALAVRAS-CHAVE:** metáfora; representação; identidade; recuperação da informação

## ABSTRACT:

*Metaphors are part of the cognitive process of representational systems on human beings. Social groups, select metaphorical representational systems that will enable its symbolic univers. Such universe establishes the identity of the group implementing the exchange of information amongst its members, especially upon the ones that produce scientific and technological knowledge.*

**KEY-WORDS:** metaphors; representation; identity; information retrieval

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto do Projeto de Pesquisa *Memória e Identidade: a construção discursivo-metafórica nas novas tecnologias da informação*, sob a responsabilidade da prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Evelyn Orrico e integra o grupo de pesquisa inter-institucional UNIRIO/IBICT, sob-coordenação da prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Maria Nélide González de Gómez (IBICT). Versão anterior deste documento com o título O discurso metafórico e a identidade do grupo de pesquisa foi apresentada na ABRALIN, em março de 2003. Esta versão atual contou com a participação dos co-autores.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação, com tese defendida no IBCT/UFRJ; prof<sup>a</sup> Adjunta UNIRIO evelynorrico@unirio.br

<sup>3</sup> Graduanda em História, UNIRIO; bolsista voluntária do projeto de pesquisa *Memória e Identidade: a construção discursivo-metafórica nas novas tecnologias da informação*; claraclio6@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Graduando em Arquivologia, na UNIRIO; bolsista voluntário do projeto de pesquisa *Memória e Identidade: a construção discursivo-metafórica nas novas tecnologias da informação*; ebbrito@gbll.com.br

<sup>5</sup> Graduanda em Biblioteconomia, UNIRIO, bolsista voluntária do projeto de pesquisa *Memória e Identidade: a construção discursivo-metafórica nas novas tecnologias da informação*; iaravps@ieg.com.br

## 0. Introdução

Admitindo que os homens representam o mundo em que vivem e a si mesmos por intermédio de metáforas, visto ser “nosso sistema conceitual [...] fundamentalmente metafórico em essência” (Lakoff, Johnson.1980: 3), este trabalho objetiva evidenciar que os grupos sociais elegem, a partir de amplo universo de possibilidades, conjuntos metafóricos que lhes ajudam a estabelecer e construir a identidade. Mais especificamente, objetiva mostrar, com base na análise do *corpus* selecionado, que as metáforas relacionadas aos conceitos norteadores da área de conhecimento em que o grupo atua é elemento que pode estar a serviço da organização do conhecimento e, conseqüentemente, da recuperação da informação.

A justificativa para este estudo deve-se à necessidade de serem estudadas as marcas que evidenciam as similaridades, bem como as diferenças, dos grupos que potencialmente podem entrar em contato, em virtude das facilidades viabilizadas pela chamada “era do conhecimento” e que interferem na dimensão espaço-temporal, já que grandes distâncias podem ser percorridas em fração de segundos. As questões relacionadas à identidade encontram-se nas pautas de reflexão nos dias de hoje, muito em função dessa nova ordem espaço-temporal proporcionada pelas novas tecnologias e subordinadas a uma ordem mundial globalizante.

Com base em uma perspectiva interdisciplinar, este trabalho aprofunda projeto anterior, cujo objetivo era propor um modelo de filtro de recuperação da informação na internet (Orrico, 2001) pautado em estudos sobre a metáfora, recurso de representação do homem por excelência. Naquela ocasião, a premissa teórica expandiu-se no sentido de admitir que as metáforas também serviriam para representações de áreas de conhecimento distintas, e que tais representações estabeleceriam um patamar nivelado de conhecimento compartilhado entre os agentes

sociais envolvidos nas respectivas áreas. Realizamos, então, um estudo de caso com grupo de pesquisa na área de Transportes, a *Rede de Estudos de Engenharia e Socioeconômicos de Transportes* — RESET —, cuja conclusão foi a de que os membros daquele grupo representam sua área — Transporte — como “rede sistêmica”.

Admitindo-se grupo social como um conjunto de indivíduos inseridos em uma mesma cultura, em prol de um objetivo comum, pressupomos que os conjuntos metafóricos escolhidos por seus membros facilitam a troca de informações entre si, porque constituem — e constroem — o universo simbólico do próprio grupo. Para admitir um universo simbólico do grupo social, entendemos o conceito de cultura tal qual como proposto por Geertz (1983), para quem tal conceito é essencialmente semiótico, visto ser o homem “um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

Este trabalho está voltado especificamente para grupos que produzem conhecimento, tendo em vista que o processo de associação de indivíduos em grupos de pesquisa não é aleatório, ao contrário, é determinado por uma série de fatores que regulam tal processo. O grupo ao se constituir determina mecanismos que contribuem para a manutenção da coesão centralizados por interesses comuns.

A comunidade científica brasileira está composta por pessoas que se dedicam à pesquisa científica como profissão, cujas carreiras estão vinculadas a sua capacidade de produzir novos conhecimentos e de obter apoio para esse trabalho. Além das instituições de trabalho, a comunidade científica organiza-se em suas próprias associações profissionais, em diversas associações de docentes e em várias outras associações por área de especialização que constituem indicadores importantes do grau de amadurecimento e institucionalização da comunidade.

A atividade científica, após a Segunda Guerra Mundial, caracteriza-se pelos grandes orçamentos e pela complexidade das atividades da pesquisa que passam a envolver muitas pessoas em trabalho coordenado. Esse trabalho coordenado acaba por propiciar que seus membros venham a constituir um grupo social, com interesse tanto por recursos para suas atividades quanto por liberdade para desenvolvimento de seu trabalho. A liberdade é necessária para os cientistas decidirem sobre os temas, as áreas e as metodologias que constituem a fronteira do conhecimento produzido. Nessa fronteira de liberdade situam-se as escolhas simbólicas que acabam por estabelecer os limites identitários entre os membros do grupo.

Como a legitimidade da atividade científica no Brasil deve ser mantida e estimulada pelo seu potencial multiplicativo, quando exercida com plenitude e em vinculação com outros setores da sociedade, é preciso estabelecer os elos de identidade e diferença entre os membros do grupo e os diversos setores sociais com os quais eles interagem.

A combinação entre autonomia da pesquisa acadêmica, relevância social de suas práticas, fortalecimento profissional e institucional da comunidade estabelece o fortalecimento dos laços identitários, com vistas à transmissão da informação. O movimento de pesquisadores entre as instituições e no interior de grupos de pesquisa contribui para a troca de conhecimento e de experiência no estabelecimento da estrutura de pesquisa. Essa comunidade científica funciona como uma extensa rede de pesquisadores que potencializa estabelecer novas relações.

A premissa da metáfora como mecanismo cognitivo de representação simbólica é retomada neste trabalho, mas o escopo de preocupações foi ampliado, no sentido de investigar as características de identidade de grupos de pesquisa, pressupondo que tais características norteiam a geração e a recuperação de conteúdos informacionais.

Para empreender esta análise, aprofundamos os estudos com o mesmo grupo anteriormente estudado, no sentido de verificar não só a transformação que, possivelmente, as novas tecnologias podem acarretar no sistema referencial dos grupos sociais, mas sobretudo o modo de como essa transformação interfere na geração e na transmissão do conhecimento produzido por diferentes grupos. Procuramos estudar, então, os conjuntos metafóricos evidenciados nas manifestações discursivas elaboradas pelos elementos do grupo social estudado.

Em primeiro lugar, para evidenciar os conjuntos metafóricos nas manifestações discursivas, procuramos compreender a organização e o conteúdo arquivísticos dos documentos produzidos pelo grupo. Essa abordagem objetivou depreender a atribuição do *status* de documento à parte da produção intelectual dos membros do grupo, o que permitiria apontar para aspectos que representam a identidade do grupo.

A seguir, por entender que, em áreas de produção de conhecimento, o conceito de informação circula como sendo de conhecimento tácito, podendo tornar-se apropriado para o estabelecimento de identidade, procuramos verificar como esse conceito é representado pelos membros de nosso grupo de análise.

Com base no levantamento anterior que abordou a representação do conceito específico da área — Transporte —, agora tratamos de verificar representações de conceito menos específico.

Além disso, procuramos levantar a representação que os membros do grupo têm da história da formação do próprio grupo de pesquisa, por entender que, como fenômeno essencialmente humano, a memória entrelaça-se à identidade, na medida em que uma se fortalece na outra. Os fenômenos passíveis de esquecimento ou de lembrança são oriundos das características identitárias que os condenam a uma situação ou à outra.

Para reforçar o que dizemos, recorreremos a Sodré (Gutiérrez, 2002), que no prólogo do livro de Gutiérrez afirma

[...] toda memória é uma interpretação em que, reconstruindo-se necessariamente as identidades individuais e coletivas cujas vozes partem de um passado, se joga, ao mesmo tempo, com o plano subjetivo do presente vivido e com as redes de sentido que sustentam as vidas dos indivíduos. Isto quer dizer que a identidade e memória se associam estreitamente, dando margem a que se manifestem os conflitos e as lutas pela hegemonia que atravessam os grupos sociais” (Gutiérrez, prólogo, p. 5)

Para apresentar o estágio atual de nossas investigações, este artigo inicialmente apresentará o embasamento teórico norteador de nossa análise; em seguida, apresentará os passos metodológicos adotados; e, por fim, o estágio de análise com as conclusões preliminares.

### 1. Aporte teórico

Nossa análise pauta-se nos estudos de Lakoff e Johnson (1980), primeiros a apontar para o fato de que o modo de organização cognitiva se dá por representações metafóricas, admitindo a nova ordem permeada pelas novas tecnologias, que viabiliza o aumento de informações circulantes. Esse aumento de informações provoca um “segundo dilúvio” (Roy Ascott; apud. Lévy, 1999:13), que se pauta pela “natureza exponencial explosiva e caótica” (Lévy, 1999:13) do crescimento das telecomunicações. Tal natureza, segundo ainda Lévy (op.cit.), provoca tanto a multiplicação quanto a aceleração da quantidade bruta de dados disponíveis, bem como o aumento vertiginoso da densidade dos *links* entre as informações nos bancos de dados e, ainda, a proliferação de forma anárquica dos contatos transversais entre os homens.

Essa forma anárquica de contatos acabou por reforçar, em alguns grupos sociais mais do que em outros, as marcas dos laços de identidade que os une e que

manifestam discursivamente, por intermédio de conjuntos metafóricos compartilhados pelos membros do grupo, o universo simbólico comum.

Este estudo pretende compreender, no processo de relações e trocas de conteúdo informacional, o impacto das representações metafóricas como marcas da identidade de um grupo social.

### 1.1 Identidade

O conceito de identidade é imbricado com o de memória, como sendo as faces de uma mesma moeda. Como fenômeno essencialmente humano, a memória entrelaça-se à identidade, na medida em que uma se fortalece na outra. Pêcheux (1999) define a memória como sendo entendida nos “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (op.cit.:50)

Entendemos a necessidade de abordar os conceitos de identidade e memória aqui, na medida em que esta análise pressupõe as intercorrências das novas tecnologias, considerando as observações de Gutiérrez (2002) ao apontar para o que denomina a exomemória, — o lugar exterior da memória, cujo papel é exercido pelas multimídias e que interfere na formação das identidades.

Desde as observações de Le Goff (1996) a respeito da revolução nos desenvolvimentos da memória ao longo do século XX, sobretudo depois dos anos 50, em virtude das tecnologias surgidas naquela época — grandes máquinas de calcular, por exemplo — o valor de armazenamento alterou a relação do homem e sua forma de armazenar dados.

Apesar de as novas tecnologias se desenvolverem de modo a ampliar mais e mais sua capacidade de armazenamento, Huyssen (2000:37) afirma que “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma,

ela é humana e social”. Interessa-nos fortemente o caráter humano e passível de falhas na construção da memória/identidade de um grupo social.

Há ainda, uma outra relação que não pode deixar de ser mencionada: a relação entre memória e esquecimento, como nos aponta Gondar (2000). Os fenômenos passíveis de esquecimento ou de lembrança são oriundos das características identitárias que os condenam a uma situação ou à outra. Nesse sentido, os registros documentais podem ser estratégicos no combate ao esquecimento.

## 1.2 Documentos de arquivo

Os conjuntos arquivísticos são sempre resultantes das atividades de uma pessoa física ou jurídica. Sob a ótica da teoria arquivística, as atividades que geram os documentos arquivísticos, são de dois tipos: atividades-meio e atividades-fim. As primeiras, se relacionam com as ações de apoio existentes em qualquer complexo administrativo, que dão suporte para a realização das finalidades do organismo. Normalmente são de caráter administrativo e burocrático. As segundas, as atividades fim, são aquelas relacionadas com as finalidades da instituição.

A documentação de arquivo, principalmente a resultante das atividades-fim, é importante para nossa análise porque é reveladora das ações, atividades e funções dos grupos e seus contextos institucionais. Segundo LOPES (1996),

“As atividades fim compreendem as ações técnicas ou científicas para as quais a organização foi criada e mantida.” (...) A documentação arquivística, técnica e científica, produzida e recebida, no decurso das atividades das organizações, deriva-se das atividades fim.” (pg. 44) .

Grupos de pesquisa, assim como a grande maioria da documentação que produzem, estão normalmente vinculados às atividades-fim da instituição a que pertencem. Estes acervos arquivísticos e seus respectivos conteúdos documentais, refletem a representação simbólica do grupo, em virtude de o conjunto de documentos arquivísticos evidenciar a verdadeira finalidade de um grupo / instituição.



Para melhor compreender a produção documental do grupo analisado, para selecionar a documentação que melhor se adequaria à nossa análise, foi necessário estabelecer um levantamento documental do acervo do grupo, um breve estudo de sua trajetória de trabalho e suas missões diante da instituição a que pertence.

Identificamos, então, os documentos produzidos por grupos de pesquisa, **segundo os seguintes conceitos presentes** no Dicionário de Terminologia Arquivística AAB - SP (1996): *gênero* — configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizados na comunicação de seu conteúdo; *espécie* — configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas; *tipo* — configuração que assume uma espécie documental de acordo com a atividade que a gerou.

O modo de organizar e classificar o documento, quanto a sua tipologia e suporte informacional, aponta para os diversificados níveis de interesse do grupo. Entretanto, importante é reconhecer que o levantamento documental é apenas o início de um completo tratamento arquivístico informacional, dando suporte a um plano de classificação, avaliação e descrição de documentos, aspectos que não chegaram a ser desenvolvidos neste trabalho.

### 1.3 Conceito de informação

Estudos na área da Ciência da Informação centram-se preferencialmente nas questões sobre organização, busca e recuperação da informação. Em um período histórico marcado pelo aumento do volume dos registros de informação, estudos nesse campo são importantes. Primeiramente há que se definir o próprio conceito de informação, um conceito que, por si só, admite uma longa lista de definições. Tal lista abrange desde uma conceituação estritamente cognitivista (Belkin; Robertson, 1976)

na qual informação provoca alteração de estruturas cognitivas, até uma concepção na qual informação só existe como tal, se uma relação de significado é estabelecida por intermédio de um atributo de valor — Relevância (Saracevic, 1970).

O que consideramos importante destacar é que deve haver uma **relação harmoniosa** entre as mudanças no repertório cognitivo de um indivíduo, a partir de uma atribuição de valor — relevância — estabelecida pelo próprio indivíduo em momento tempo-espaçial definido e a produção de conhecimento. Dizemos isso apoiados no que diz Dahlberg (1993), para quem tanto informação é conhecimento em ação quanto conhecimento é informação organizada e digerida. O que denominamos de relação harmoniosa, portanto, é a alteração de repertório cognitivo, no momento em que o conhecimento é gerado, regida por uma atribuição de valor que, por sua vez, é condicionada por situações sócio-culturais, limitadas no tempo e no espaço.

Em última instância, o que se admite como informação refere-se a qualquer conteúdo lingüístico que provoca alteração nas estruturas cognitivas de um indivíduo, a partir da compreensão de registros ou inscrições, cujo significado é explicitado semântico-sintaticamente e satisfaz o interesse daquele que o procura (Orrico, 2001).

Ressalte-se que as alterações cognitivas são inerentes a uma capacidade humana, mas a produção de conhecimento delas decorrentes é, em grande parte, fruto das condições de interlocução entre os indivíduos. Consideramos haver, portanto, um entrelaçamento entre as alterações cognitivas e a situação de interlocução em que elas ocorrem, que condiciona a diretriz de conteúdo que, por sua vez, é condicionada pelo papel que o indivíduo exerce em determinado contexto socioespacial e em determinado período de tempo histórico.

Esse contexto interfere na produção simbólica do grupo que, por sua vez, pode se manifestar discursivamente de diferentes maneiras; assim, recuperar a recorrência das

manifestações discursivas é um modo de manter os laços de identidade entre os membros do grupo.

#### 1.4 Metáforas

Estudamos, desde 2001, um modelo semântico de organização do conhecimento com vistas à recuperação da informação que leve em conta a estruturação metafórica, na medida em que a metáfora é um dos recursos lingüísticos mais utilizados para a construção de sentido. Como figura de linguagem, a metáfora transfere um termo para uma esfera de significação que não é a sua, com a finalidade de estabelecer representação do mundo através de analogias.

Relacionar o estudo de metáforas ao meta-sistema textual, entretanto, implica considerar a situação real de uso, ou seja, estudar as condições pragmáticas de inter-relação usuário-contexto-usuário, já que as condições pragmáticas de uso da língua interferem na elaboração do texto discursivo.

Lakoff e Johnson (1980) propuseram que o ser humano organiza o conhecimento através de estruturas denominadas *modelos cognitivos idealizados* (MCI) e que estruturas categoriais são derivadas dessa organização. A proposta desses modelos admite que a organização mental ocorre por intermédio da construção cultural de esquemas de conhecimento do mundo. Para exemplificar, vejamos como se explica a representação dos dias da semana.

No modelo idealizado, a semana é um todo constituído de sete partes organizadas em uma seqüência linear; em que cada parte denomina-se dia<sup>6</sup>. Paralelamente ao conceito de dia de semana, o de fim-de-semana requer a noção de uma semana de trabalho composta por cinco dias, seguida por um intervalo de dois dias, compondo um calendário de sete dias. Esse modelo de semana ocidental é idealizado, pois

---

<sup>6</sup> Para maiores esclarecimentos, Lakoff e Johnson (1980).

semanas de sete dias não existem objetivamente na natureza; são criadas pelo homem. De fato, nem todas as culturas possuem o mesmo tipo de semana.

Essa proposta é resultante de estudos que Lakoff e Johnson (1980) empreenderam na área da semântica cognitiva, na qual já haviam proposto o conceito de Metáfora Ontológica, como sendo um modelo cognitivo que serviria para nortear a representação do homem no mundo.

Tal representação dar-se-ia pela organização cognitiva que se estrutura por extensões semânticas que partem de noções conceituais próximas da concretude para a abstração, no intuito de recuperar a analogia primária de representação. Um dos exemplos dessas manifestações pode-se verificar pela metáfora “Homem é Máquina”. Essa acepção teórica — o corpo como metáfora de máquina — explicaria enunciados tais como, “minha cabeça não está funcionando”, “falta um parafuso na cabeça dele”, bem como “ele tem um parafuso a menos”; “os intestinos não estão funcionando direito”.

Acreditamos que se possa deslocar esse conceito de metáfora ontológica de representação do mundo para aplicá-lo a outras organizações sociais. Nessa concepção, grupos de pesquisa também estabeleceriam representações metafóricas recorrentes que se expressariam no modo de organização de sua produção textual. Essa recorrência pode ajudar a estabelecer o que Swales (1990) denomina de gênero discursivo, diretamente relacionado à comunidade discursiva.

## 2. Passos metodológicos

Para fins de viabilidade do projeto, estabelecemos um recorte na variedade de grupos sociais que se podem formar no espaço cultural. Nossa análise recairá sobre grupos de pesquisa formalmente constituídos e reconhecidos na comunidade acadêmica.

Grupos de pesquisa constituem objeto empírico especial, na medida em que a comunicação de informações, tanto as produzidas pelo grupo quanto as que são incorporadas por seus membros, é parte inerente de suas atividades e objetivos. Estudos nessa área precisam levar em conta os impactos das novas tecnologias, visto que aproximam e propiciam a formação de grupos, sobretudo daqueles envolvidos na produção do conhecimento científico e tecnológico, cujos componentes encontram-se em novos arranjos das dimensões espaço-temporais, objeto de estudo da contemporaneidade.

A decisão recaiu em grupo que congrega membros de diferentes experiências profissionais e pertencem a diferentes regiões do Brasil e do exterior. Esse cuidado na escolha do grupo a ser estudado objetivou, por um lado, minimizar as interferências de regionalismos no processo de representação metafórica, e, por outro, permitisse a construção simbólica do grupo, em virtude dos diferentes níveis de experiência na área.

O grupo selecionado tem uma composição variável de membros porque dele fazem parte três tipos de profissionais. O primeiro subgrupo, intitulado *membros em formação*, é constituído por estudantes, sobretudo dos cursos de mestrado e doutorado, que, no momento do levantamento de dados, somam 17 pesquisadores. Além desse, há um outro conjunto de membros, intitulado de *colaboradores*, que agrega os pesquisadores na rede de pesquisa à medida em que surgem projetos, e que, no momento do levantamento de dados, somam 13 pesquisadores. O núcleo de pesquisadores mais estáveis nessa rede, denominado *membros efetivos*, é constituído por 7 membros.

Detalharemos a formação acadêmica do grupo deste último grupo, por ser o conjunto de membros permanente no grupo de pesquisa. A formação básica

(graduação) de seus membros constitui-se de seis (6) profissionais de Engenharia Civil e um de Arquitetura; a formação de mais alto nível corresponde a dois (2) membros com pós-doutorado: um em Engenharia de Transportes e outro em Economia de Transportes. Todos os sete *membros efetivos* são doutores, e seus doutorados foram realizados em áreas de Engenharia e Planejamento Urbano, especialmente: Engenharia de Transportes (3); em Engenharia Civil de Transporte (1); em Urbanismo e Organização do Território (1); em Planejamento Urbano e Regional (1) e em Planejamento e Desenvolvimento Urbano (1)

Os passos dados para coleta de dados consistiu na utilização de um questionário, enviado por correio eletrônico ao conjunto total de nosso universo, composto por 37 pesquisadores, com o intuito de levantar três tipos de informações: primeiramente procurou traçar o perfil do pesquisador no que tange a seu engajamento na rede de pesquisa, sua experiência e seu campo de pesquisa; em seguida, procurou identificar as marcas discursivas de representação do conceito básico para qualquer pesquisador: informação; por fim, procurou levantar a representação sobre a história de formação do grupo.

Para a análise do material discursivo, pautamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, no qual é necessário identificar não só o agente enunciador do discurso, mas também o lugar de sua enunciação. No caso em análise, é fundamental saber em que conjunto de pesquisador o enunciador está inserido para proferir seu enunciado.

### 3. Análise dos dados

O levantamento da documentação arquivística, retrata uma classificação tipológica existente em grupos de pesquisa em geral. No estágio em que estamos, podemos dizer

que grupos de pesquisa têm uma produção documentária importante, distribuída entre os seguintes gêneros espécies e tipologias documentais:

A análise da documentação mostrou a seguinte distribuição:

*Gêneros documentais* — textuais e eletrônicos

*Espécies documentais* — projetos e ante-projetos / relatórios / resumos / apontamentos / e-mails / memorandos / ofícios / agenda de tarefas / pareceres / declarações / editais / *curricula* profissionais e universitários / históricos escolares / artigos / conferências

*Tipos documentais* — esse grupo se sub-divide em quatro:

a) *Documento de caráter técnico e científico*: projetos e ante-projetos de pesquisa/ relatórios de atividades / resumos dos projetos e das atividades / anotações das leituras realizadas / artigos sobre os estudos do grupo / comunicações apresentadas em reuniões científicas

b) *Documento de correspondência* — e-mails de comunicação interna e externa do grupo / memorandos e ofícios encaminhando documentos, solicitando e enviando informações / editais de bolsa para projetos de pesquisa e de participação em seminários científicos / circulares / avisos / e informes

c) *Documentos que atestam atividades profissionais e estudantis* — *curriculum vitae* de alunos e professores / certificados de participação em congresso / eventos científicos / mesas examinadoras / declaração de matrícula regular dos alunos / históricos escolares dos alunos / diplomas de alunos e professores

d) *Documentos de caráter opinativo* — pareceres de avaliação de projetos / pareceres de avaliação de artigos de periódicos, de bolsa e auxílio de pesquisa.

No que tange à representação do conceito de informação, pudemos verificar que, ao responderem a pergunta “Considerando que você está inserido em um grupo de pesquisa, o que significa informação para você?”, os membros do grupo destacaram duas funções complementares representadas em uma mesma metáfora ontológica para informação: informação é *base*, como se constata pelos exemplos de enunciados:

Informação é	“base do conhecimento”
	“insumo básico[...]para o trabalho científico”

	“elemento fundamental[...]impulsionador de novas idéias
	“elemento fundamental para manutenção da rede”

Como se pode verificar pelos enunciados, a rede semântica apresenta um núcleo central que gira em torno do termo *base*, seja como núcleo do sintagma — base do conhecimento —, seja como elemento qualificador — básico / fundamental. Este último (fundamento) pertence à mesma esfera semântica de base.

Essa percepção de informação como base do conhecimento não a limita a um papel estático, como se percebe nos exemplos abaixo:

Informação é	“ <i>ferramenta de transmissão do conhecimento</i> ”
--------------	--

Aqui, a informação, pela sua instrumentalidade, tem um papel dinâmico. Sua função é *transmitir* conhecimento que para um grupo de pesquisa é condição necessária para sua existência; um elemento do grupo recebe informação, processa-a, gerando conhecimento, que é retransmitido para outros membros como nova informação. Para um conceito inespecífico da área, o universo metafórico escolhido gira em torno de um conceito instrumental.

Note-se uma diferença em relação à representação da área específica de trabalho — Transporte — (Orrico, 2001), porque para esse conceito a metáfora selecionada é mais específica, *rede sistêmica*, cujo sintagma apresenta um núcleo especificado. Pode-se dizer que quanto mais próxima da especificidade temática do grupo, mais específico é o conjunto metafórico utilizado para sua representação. Este é um dado que pode apontar para um traço identitário.

No que tange à representação da formação do grupo, para a pergunta “Como o RESET se formou?”, pudemos verificar que os membros efetivos responderam com



enunciados afirmativos e semelhantes entre si, dentre os quais selecionamos os seguintes::

Efetivos	“Em função de grupo de trabalho em engenharia de transportes, muito estável e constante, que realizou e realiza pesquisas no âmbito acadêmico e de consultoria”
	“[...]o vínculo de amizade entre os membros da rede foram viabilizando trabalhos comuns”
	“Em torno de um estudo contratado pelo Ministério dos Transportes”

As respostas dos outros subgrupos valeram-se de uma resposta genérica, já que o termo utilizado— iniciativa —, encontra-se em área semântica inespecífica para a pergunta formulada, como se constata no exemplo abaixo:

Colaborador	“Por iniciativa de um grupo de investigadores de universidades brasileiras”
-------------	---

Do subgrupo de membros em formação, a maioria iniciou seus enunciados por expressões de desconhecimento, como os abaixo:

Em formação	“Não tenho certeza [...]”
	“Não tenho conhecimento profundo sobre a formação do grupo”
	“Não tive a oportunidade de saber sobre a formação da RESET”

Essas respostas podem indicar que o desconhecimento da história da formação do grupo não interfere de modo decisivo no sentimento de pertencimento ao grupo, portanto irmanados no sentimento de similaridade, e conseqüentemente identitário, na medida em que há outras formas representacionais que os mantêm em grupo, a representação da área de conhecimento.

#### 4. Resultados preliminares

A análise dos dados até o momento nos permite dizer que a representação tanto de conceito específico da área — *Transporte*, quanto de conceito inespecífico, mas essencial — *Informação*, possuem representação recorrente e semelhante entre os membros de um determinado grupo social. Pode-se pensar que essa “uniformidade”

representacional esteja correlacionada à similaridade de formação dos membros efetivos. A maioria, seis dos sete, são engenheiros civis, especializados em transportes. De qualquer modo, essa recorrência ajuda a construir e a manter o universo simbólico dos membros do grupo, o que facilita a disseminação da informação entre eles.

O passo seguinte é refinar a análise da documentação que constitui uma estrutura organizacional de arquivo de grupo de pesquisa, no intuito de verificar, no grupo estudado, os documentos produzidos relacionados e decorrentes de seu objeto de pesquisa, a fim de verificar a presença — e as características — dos conjuntos metafóricos levantados pela análise dos questionários.

Este trabalho contribui para uma maior difusão da ciência no país, porque, ao pretender conhecer os elos identitários dos grupos dedicados à produção do conhecimento científico e tecnológico, aumenta a compreensão sobre o modo de fazer ciência no Brasil.

O enfoque na área de Engenharia justifica-se por ser uma área que se destaca dentro dos novos paradigmas da globalização não só pelo papel que ocupa na economia, pelo impacto tecnológico, mas também pelo reflexo que traz em outros setores, como o de transportes.

Historicamente o apoio a estas áreas se concentrava no desenvolvimento do conhecimento, atribuindo à questão tecnológica uma importância menor. Atualmente o que evidenciamos é uma mudança estratégica desse perfil já que o desenvolvimento da pesquisa científica deve estar associado a prática das novas demandas no cenário mundial. Assim, há a preocupação de assegurar o retorno dos investimentos feitos em pesquisa para a sociedade contribuindo para a modernização da competência tecnológica nacional.

Identificar as formas de representação dos grupos de pesquisa a partir do contexto de sua formação e de suas estratégias de manutenção, que são compartilhadas entre seus integrantes, facilita na identificação dessas representações por outros grupos – afins ou não- dentro do processo interativo em que estão presentes as marcas de identidade que os caracterizam enquanto tais, assim como melhora os vínculos entre os diferentes membros dos grupos que objetivam trocas de conhecimento.

Com a facilidade desses contatos dada a crescente utilização de novas tecnologias, como a Internet, diversos grupos sociais têm procurado demarcar seu território e solidificar suas características o que contribui não só para o reconhecimento do grupo enquanto tal, mas também para a manutenção da sua coesão.

Por intermédio de questionários enviados por correio eletrônico, verificamos que as metáforas utilizadas pelos componentes do grupo analisado obedeciam a uma certa regularidade e afirmamos que tal regularidade serve para estabelecer uma identidade para o grupo. O universo simbólico do conceito norteador da área é especificado — *transporte é rede sistêmica* —, ao passo que o universo simbólico do conceito inespecífico gira em torno do instrumento — *informação é ferramenta de transmissão*. A hipótese que aqui defendemos é a de que as escolhas metafóricas servem tanto para estabelecer a identidade de um grupo social e assim permear de modo eficaz a difusão de informação em seu meio.

## 5. Referências bibliográficas

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information Science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 27, n. 4, p.197-204, July/Aug. 1976.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v.20, n. 4, p.211-222, 1993.

DICIONÁRIO de Terminologia Arquivística. São Paulo: AAB-SP, Secretaria de Estado de Cultura, 1996.

GEERTZ, Clifford. **Local knowledge**. São Francisco: Basic Books, 1983.

- GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães e GONDAR, Jô (org.) **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000
- GUTIÉRREZ, António Garcia. **La memoria subrogada**: mediación, cultura y conciencia en la red digital. Granada, Editorial Universidad de Granada, 2002
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. 242p
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª ed. .Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34 ©1997. 1999
- LOPES, Luis Carlos. **A Informação e os Arquivos – teorias e práticas**. Rio de Janeiro, EDUFF, 1996
- ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Binômio Linguística-Ciência da Informação: abordagem teórica para elaboração de metafiltro de recuperação da informação. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). UFRJ/ECO-CNPq/IBICT, Rio de Janeiro
- PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre (et.al.) **Papel da Memória**. Trad.: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- SARACEVIC, Tefko. The Concept of “Relevance” in Information Science: a Historical Review. In: \_\_\_\_\_. **Introduction to Information Science**. New York: Bowker, 1970. p.111-151
- SWALES, John M. **Gender Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990